

DIVERSIDADE: O QUE SIGNIFICA E O QUE REPRESENTA.

De uma forma bastante ampla, diversidade significa a convivência de indivíduos diferentes em um mesmo espaço social; o que parece simples, torna-se complexo na medida em que se percebe que esse convívio é dificultado pelo próprio ambiente social cujas estruturas são entremeadas por preconceitos e significações que servem de obstáculos quase intransponíveis para que a interação ocorra de maneira harmônica e perfeita. É possível entender melhor essas relações quando se pensa acerca de convenções sociais, que nada mais são que crenças e costumes que amoldam os comportamentos das pessoas inseridas em uma comunidade. Essas normas são transmitidas de geração em geração e criam um senso de pertencimento àqueles que as seguem. E é esse pertencimento que pode funcionar como uma barreira para a aceitação da diversidade.

Essas convenções avançam para além da tentativa de moldar comportamentos ditando aspectos de como deva ser a aparência, a orientação sexual, o gênero e várias outras características que fogem do controle do indivíduo, gerando uma sensação de inadequação aos que não se adaptam, ou não se amoldam. Ou seja, aqueles que não se adéquam aos padrões vigentes sofrem uma pressão social para se encaixar e, caso não consigam, muitas vezes são forçados direta ou indiretamente à marginalidade pelos que tentam manter o status quo. Esse grupo é conhecido como minoria, visto que minoria nada tem a ver com dimensão numérica, mas sim com a dimensão social dominante.

Dessa forma, tudo parece encaixar-se dentro de conceitos como **“normal”** e **“diferente”**, sendo que o primeiro diz respeito ao que o grupo dominante assim o considera e o segundo ao que o mesmo grupo rejeita ou expelle em direção à marginalidade. Por isso mesmo é essencial compreender as chamadas minorias, valorizá-las e, por consequência, integrá-las ao todo, com vistas a ampliar horizontes sociais conduzindo a uma solução proativa sob todos os aspectos que derivem resultados em todos os sentidos; ou seja, a interação deve não apenas ser um discurso, mas sim uma conduta de olhar para o todo a partir das partes que o perfazem, contribuindo para um engrandecimento na obtenção de avanços abandonando retrocessos inúteis e infrutíferos.

Muito embora, atualmente, se olhe para a diversidade do ponto de vista de agregação de valores produtivos de gestão e amplitude contributiva na busca por resultado, cremos que o conceito deva ir muito além disso; e um dos aspectos tão relevantes nesse sentido diz respeito à diversidade cultural e social; a afirmação de que se aceita a diversidade não é o bastante, pois ela pode ocultar uma postura de convivência com um discurso vazio que se presta a atender a um anseio superficial deixando de tornar-se essencial.

A humanidade é essência, mas prefere conviver na superfície ousando afirmar que a diversidade amplia a produtividade e fortalece a competitividade, esquecendo-se de que somente isso não é o bastante; diversidade tem a ver com aceitação ampla e irrestrita. Acatar diversidade visando lucro é tão inócua quanto administrar uma medicação inadequada para um paciente moribundo. Bradar que somos contra a discriminação étnica ou religiosa é apenas o início da aceitação, pois ela precisa de essência e esta somente se realiza quando se abre os braços e se rejeita as convenções preestabelecidas com relação ao que é **“normal”** e o que é **“diferente”**.

A ideia proeminente de que pode-se derrubar as barreiras da diversidade através do ambiente produtivo pode ser uma das maneiras de fazê-la, mas não é a única, e também não deve ser, pois é necessário aprender-se com a diversidade favorecendo o diálogo e ampliando a audição de vozes dissonantes que precisam ver-se representadas na sociedade, disseminando compreensão contra vorazes eufemismos as vezes alegóricos e muitas vezes violentos. E compreensão compartilha como resultado aceitação, pois é através dela que se obtém respeito sem que seja necessário um esforço resistente.

Mesmo que se alardeie a premência do respeito ante a diversidade, cremos piamente que tal sentimento precisa ser antecedido pela aceitação; o respeito conquistado nem sempre é aquele que se almeja, podendo ser apenas um respeito reverencial, indiferente ou ainda fundado no receio de que a diversidade possa causar rugas no tecido social. Dificilmente respeitamos algo que intimamente não aceitamos, e aceitação é essência e não superfície; tudo que é superficial não persiste ao longo do tempo, esvaindo-se em si mesmo.

Trata-se, na verdade, de um processo que se inicia pela compreensão, aceitação e por fim o respeito, redundando em uma tolerância natural e recíproca e não aquela que apenas suporta o que é diferente. E é esse processo que concede à chamada minoria a tão ansiada e necessária dignidade. Sob qualquer um dos aspectos que observemos a questão da diversidade o processo aqui descrito mostra-se essencial para que esse aspecto diverso seja inserido em um contexto social de igualdade e fraternidade.

Vejamos, pois, a questão da diversidade religiosa; estudos recentes comprovam que as raízes do Cristianismo remontam à cultura essênica. *Os essênios ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma e acreditavam na reencarnação. Viviam em comunidades, nas quais repartiam entre si o que era produzido (agricultura, cerâmica etc.). Eram vegetarianos e excelentes médicos, sendo famosos pelo conhecimento e uso das ervas, entregando-se abertamente ao exercício da medicina. As suas vilas, geralmente se situavam distantes dos grandes núcleos populacionais, de modo a preservarem os seus valores morais e evitarem conflitos com as demais seitas existentes. Consideravam a escravidão um ultraje à missão que Deus deu aos homens, fato por si só passível de séria punição por parte do império romano, no qual os escravos constituíam um elemento importante na constituição da sociedade naquela época.*

*Construíram vários mosteiros, onde se dedicavam aos estudos, à contemplação e à caridade, sendo o mais notório mosteiro o de Qumran, às margens do Mar Morto. Perto desse local, foram encontrados em 11 cavernas, centenas de pergaminhos que datam de 300 a.C., até o ano 68, escritos em três idiomas: hebreu, aramaico e grego. Eles incluíam manuais de disciplinas, hinários, comentários bíblicos, escritos apocalípticos, cópias do livro de Isaías e quase todos os livros do Antigo Testamento, exceto o de Ester. Aqueles que viviam no mosteiro eram celibatários e tinham uma disciplina de conduta bastante rígida. Comiam as refeições em silêncio, só quebrado pelas orações recitadas pelo sacerdote, no início e no fim da alimentação. A mais espantosa revelação dos pergaminhos, até agora publicada é que possuíam, muitos anos antes de Cristo, práticas e terminologias consideradas exclusivas dos cristãos (batismo e imposição das mãos para curas). Os essênios pregavam mansidão, humildade e amar ao próximo como a si mesmo; foram esses alguns dos ensinamentos deixados por Jesus.*¹

Se analisarmos a maioria das religiões existentes comprovaremos que o pressuposto de amar ao outro como a nós mesmos permeia a todas elas, e podemos inferir que trata-se de uma aceitação fraternal irrestrita e que por sua essência não vislumbra diferenças entre as pessoas². Se essa é uma constatação inequívoca, que razões fundadas em sensatez podem admitir tratamento negativo em face de algumas religiões, inclusive aquela horrorosa denominação de “seitas”? Alguém seria capaz de refutar que o extremismo islâmico em face do ocidente, deixando à margem as questões sociopolíticas, tem como cerne o inconformismo com a ocidentalização do oriente?

Criticar, rejeitar e rechaçar hábitos e costumes ancestrais de um povo milenar é o mesmo que negar a ele o direito de existir! Não há um mínimo de compreensão com esse cenário histórico e social indissociável do indivíduo, atirando-o na vala das minorias que não merecem respeito porque não há preocupação em compreender-se as razões e fundamentos que levam aquele indivíduo a ter na sua crença religiosa uma razão de ser. E se não há vontade de compreender, inexistente a possibilidade de que haja respeito. Como é possível qualquer ação inclusiva que não vislumbre compreensão, aceitação e respeito essenciais? Respeito de superfície é aquele que vemos diariamente incrustado em movimentos que se apresentam como válidos e efetivamente representativos, porém distanciam-se da realidade, que é a realidade inclusiva concedendo dignidade à pessoa.

Creemos que a inclusão através do ambiente corporativo dignifica de fato, porém também cremos que a inclusão precise operar-se por todos os meios disponíveis criando uma cultura inclusiva que permeie a sociedade e sensibilize pessoas minando resistências e o desconhecimento da realidade daqueles que são indevidamente chamados de “minorias”. Esse processo inclusivo deve, pois, induzir que grupos minoritários sejam mesclados aos demais, demonstrando que as diferenças – se é que existem – só habitam o universo do preconceito pautado pelo desconhecimento.

Uma das melhores ferramentas para isso é a educação, pois por meio dela difunde-se a universalidade da diversidade, otimizando a convivência e a fraternidade entre jovens e crianças de todos os credos, etnias, gêneros e limitações. E essa convivência precisa conscientizar todos os envolvidos na importância da inclusão. Para melhor elucidação, destacamos o seguinte verbete abaixo transcrito:

Como praticar a inclusão social?

Em suma, a inclusão social é fundamental para a manutenção da democracia. Por isso, é importante que todo o corpo social aja em conjunto a fim de contribuir com a valorização do ser humano.

Algumas medidas que podem auxiliar na inclusão social:

Campanhas de conscientização populacional acerca da inclusão e respeito à igualdade a nível municipal, estadual, e federal;

Reflexões sobre diversidade humana;

Campanhas sociais que estimulem a contratação de pessoas com deficiência;

Aumentar a representação das pessoas com deficiência na política;

Utilizar o esporte como forma de integração social;

Humanizar todo indivíduo independentemente das diferenças sociais³

Eis aqui uma palavra-chave para sucesso de qualquer processo inclusivo: humanização! Não há melhor forma de vencer a batalha contra a discriminação que não seja aquela que busca humanizar as pessoas; ao nos sentirmos humanos, integrantes de uma única raça independentemente de todo e qualquer elemento diferenciador, nos percebemos dotados das mesmas qualidades e atributos que nos tornam iguais com traços que nos tornam especiais.

Humanizar envolve sociedade, lideranças empresariais, religiosas, culturais e sociais, organizações do terceiro setor; envolve ainda exibir sem receio as falhas nas tentativas de inclusão sem responsabilidade ou compromisso; humanizar é essencialmente dignificar, pois a dignidade exibe a igualdade superando as barreiras da exclusão permitindo que a diversidade se torne apenas uma memória histórica a ser esquecida. Valemo-nos aqui das palavras de Liliane Rocha CEO e Fundadora da Gestão Kairós, consultoria especializada em Sustentabilidade e Diversidade, autora do livro Como ser um líder Inclusivo e premiada com o 101 Top Global Diversity and Inclusion Leaders:

*Pois é, para quê serve um bilionário? Para acumular um tamanho de renda tão exorbitante que nem conseguirá utilizar ao longo de uma vida? Para juntar todo o dinheiro do mundo exclusivamente para seus herdeiros? Para acumular dinheiro em paraísos fiscais fora do Brasil? Para fazer especulações financeiras? Gostaria muito que fosse para ajudar o próximo, construir um país melhor para todos, liderar o processo de construção de uma sociedade mais justa, garantir o direito à vida, preservar o meio ambiente. Fica aqui o meu “você pode” para as lideranças do Brasil. Sejam mais neste momento. Nos surpreendam. Cuidem da coletividade.*⁴

- 1 <https://www.atribunapiracicabana.com.br/2020/12/09/qual-a-importancia-dos-essenios-na-divulgacao-do-cristianismo/>
- 2 <http://livingpeaceinternational.org/br/o-projeto/a-regra-de-ouro.html>
- 3 <https://www.politize.com.br/inclusao-social/>
- 4 <https://epocanegocios.globo.com/colunas/Diversifique-se/noticia/2020/03/humanizacao-e-desigualdade-social-o-que-de-fato-faz-diferenca-frente-crise-da-covid-19.html>